

INDÍCIOS DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA  
DO USO DO PSICOATIVO MACONHA  
NA CIDADE DE BOA VISTA DO RAMOS  
ATRAVÉS DAS EXPERIÊNCIAS E VI-  
VÊNCIAS DE USUÁRIO (A) S NO SÉCU-  
LO XX E SÉCULO XXI.

**Indicadores de la trayectoria histórica del consu-  
mo de marihuana psicoactiva en la ciudad de Boa  
Vista do Ramos por medio de las experiencias de  
los/as usuarios/as de los siglos xx y xxi**

*Rafael de Jesus da Silva*

*Arcângelo da Silva Ferreira*

**INDÍCIOS DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO USO DO PSICOATIVO MA-  
CONHA NA CIDADE DE BOA VISTA DO RAMOS ATRAVÉS DAS EXPE-  
RIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE USUÁRIO(A)S NO SÉCULO XX E SÉCULO  
XXI.**

Rafael de Jesus da Silva<sup>17</sup>  
Arcângelo da Silva Ferreira<sup>18</sup>

**RESUMO**

A presente pesquisa, realiza um traçado acerca do psicoativo maconha, valendo-se de estudos que giram em torno da temática, como também objetiva observar as transformações históricas-sociais ocorridas na cidade de Boa Vista do Ramos, a partir da incidência da cannabis, sobre o prisma dos usuários e moradores antigos, desembocando em uma análise das transformações sociais em decorrência da maconha. Nessa perspectiva, utilizou-se da História Oral como metodologia, para traçar um panorama da trajetória do uso da maconha na referida cidade. Conclui-se que no século XX, o uso está mais relacionado a procura de relaxamento e auxílio na lida diária. Já no século XXI sua utilização é relativa à fuga de problemas sociais emergentes. Esta diferença pode estar relacionada as transformações socioeconômicas e históricas ocorridas em Boa Vista do Ramos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cannabis, transformações históricas-sociais, Boa Vista do Ramos.

**INDICADORES DE LA TRAYECTORIA HISTÓRICA DEL CONSUMO DE  
MARIHUANA PSICOACTIVA EN LA CIUDAD DE BOA VISTA DO RAMOS  
A TRAVÉS DE LAS EXPERIENCIAS DE LOS/AS USUARIOS/AS DE LOS  
SIGLOS XX Y XXI.**

**RÉSUMEN**

La presente investigación rastrea la sustancia psicoativa marihuana, haciendo uso de estudios que giran en torno al tema, además de tener como objetivo observar las transformaciones histórico-sociales ocurridas en la ciudad de Boa Vista do Ramos, a partir de la incidencia del cannabis, en el prisma de usuarios y ex-residentes, resultando en un análisis de las transformaciones sociales a raíz de la marihuana. Desde esta perspectiva, se utilizó la Historia Oral como metodología para trazar un panorama de la trayectoria del consumo de marihuana en esa ciudad. Se concluye que en el siglo XX, el uso está más relacionado con la búsqueda de rela-

<sup>17</sup> Acadêmico do Curso de História Modular, do Núcleo de Ensino Superior de Boa Vista do Ramos, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. rafael4321.jsilva@gmail.com

<sup>18</sup> Doutor em História Social da Amazônia (PPHIS/UFGA). Professor do curso de História no CESP/UEA. – adferreira@uea.edu.br.

jación y ayuda en la vida diaria. En pleno siglo XXI, su uso está relacionado con la huida e problemas sociales emergentes. Esta diferencia puede estar relacionada con las transformaciones socioeconómicas e historias que ocurrieron en Boa Vista do Ramos.

**PALABRAS CLAVE:** Cannabis, transformaciones históricas-sociales, Boa Vista do Ramos.

## **Introdução**

Lançar mão acerca de tal temática, é possibilitar conhecer uma faceta da História do nosso município, por meio das histórias dos consumidores de maconha, que muitas vezes geram fenômenos sociais, como também entender as transformações que o psicoativo construiu ao longo do tempo com os seus consumidores e a população. Sendo que a humanidade tem um longo relacionamento com a Cannabis. Estudos apontam que a planta teria crescido espontaneamente há mais de 10000 anos, no Continente Asiático, porém é só com advento das grandes navegações que o psicoativo chegou as américas, visto que no Brasil seu transcurso e disseminação está associado aos escravos e o tráfico transatlântico, assim se difundiu e se tornou parte integrante da sociedade.

Chega à atualidade como a droga ilícita mais consumida pela sociedade, e desse visível consumo em profusão em nossa cidade que nasceu a propensão pela pesquisa, com intuito de fazer emergir a relação homem e maconha, nos valendo de distintos estudos que se deram em volta da temática, na qual construímos um traçado acerca da disseminação do psicoativo até o Brasil.

Tal traçado, servirá como atributo para adentrarmos a pesquisa na cidade de Boa Vista do Ramos, todavia restringiremos a pesquisa em determinados acontecimentos inseridos nos contextos dos séculos XX e XXI. Lançamos mão da entrevista como meio para aquisição dos dados, o registro foi feito a partir da gravação de áudio, e posteriormente análise e transcrição das informações, tomando as falas desses sujeitos e oferecendo uma visão particular, fazendo emergir suas histórias, posto que estas se inscrevem no corpo social, mas, muitas vezes estão ocultas, não que estes não tenham voz, mas que necessitam ser notabilizadas, bem como menciona Portelli:

Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espa-

ço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia (PORTELLI, 2010, p.3)

Portanto, o que fizemos, foi escutar e notabilizar as vozes desses sujeitos, colocando-os em evidência, pois é necessário catalogar tais informações, uma vez que poderá servir de base para os mais diversos estudos, assim todos aqueles que tem interesse pelo tema poderão valer-se da pesquisa. Bem como, oferecemos a oportunidade de desempenharmos e colocarmos em prática as distintas formas de realizar pesquisa, com isso culminando na produção de conhecimento acerca dessa interação, tendo em vista, que o psicoativo construiu uma relação longa com a humanidade, se fazendo parte integrante do corpo social, como também oportuniza entender a conotação que o psicoativo vai assumindo ao longo do tempo em nossa cidade através das histórias das moradoras e seus consumidores. Assim, o intento desta pesquisa, é fazer emergir as histórias dos consumidores de maconha e sua relação com psicoativo ao longo do tempo, buscando entender os fenômenos sociais e as transformações em decorrência do psicoativo.

### **A maconha e sua chegada ao brasil: um panorama histórico**

Estudos apontam que a interação homem e psicoativo é remota, indicando que as sociedades primitivas já utilizavam os psicoativos para os distintos fins. Entretanto, é no feixe profícuo que se dá em torno da temática “droga” que perpassa os mais distintos campos de estudos é que voltamos nosso prisma para uma faceta e nos dispomos a explorar e a traçar o transcurso do psicoativo maconha até ao Brasil.

Ao despontar estudos acerca da temática, os indícios mais remotos são encontrados no Continente Asiático, mais precisamente na China, Maia (2022, p.20) menciona que os “escritos chineses de 2300 anos a.C., reportam vastas

plantações de cannabis como uma riqueza que faz a prosperidade de um reino”, deixando perceptível o potencial da planta, a qual era destinada para a produção de fibras e na fabricação de tecidos, todavia, os chineses repeliam o seu uso para fins inebriantes, pois acreditavam que ao fazê-lo estariam suscetíveis a possessão de entidades demoníacas, como também cultivavam uma aversão pela insanidade mental causada pelo consumo.

Na China também foram encontrados os registros mais antigos da utilização da Cannabis para receitas médicas, datados de quatro mil anos atrás. Distintas das sociedades chinesas, as sociedades do velho mundo utilizavam a maconha para fins recreativos, marcadamente pelo consumo em cerimônias para contactar o sagrado, mas também para outros fins, como por exemplo:

Na fabricação de cordas e roupas; produção de artesanatos; como elemento da culinária na forma de tempero, sopas, minguas, ensopados e doces; na medicina de homens e de animais; como energizante e revigorante para o trabalho; como parte de rituais religiosos; como euforizante geral utilizado nos rituais ordinários de hospitalidade (TORCATO, 2016, p.29-30)

Nessas sociedades a utilização da Cannabis sativa se dava de forma regular nas classes menos favorecidas entre, segundo Torcato (2016, p.30) “camponeses, pescadores, artesãos rurais e urbanos trabalhadores manuais”. Entretanto, os árabes são apontados como os disseminadores da maconha, os quais ao tomarem conhecimento de suas propriedades médicas, por meio do comércio entre a Índia e o Irã, teriam levado o psicoativo para a costa da África e posteriormente teria se difundido por outras partes do Continente Africano. Portanto, a relação homem e maconha preconiza uma techedura antiga.

No entanto, seria com as grandes navegações ocorridas no fim do século XV e início do XVI, mais precisamente com tráfico transatlântico que a planta chegaria ao Brasil. Segundo Pedro Rosada apud Carlini (2005, p.315) “A planta teria sido introduzida em nosso país, a partir de 1549, pelos negros escravos,

como alude Pedro, e as sementes de Cânhamo eram trazidas em bonecas de pano, amarradas nas pontas das tangas”.

Carlini (2005) afirma que o momento da “descoberta” do Brasil envolve a Cannabis, de certa forma, pois as fibras retiradas das plantas eram utilizadas para a vedação das embarcações, portanto no momento da chegada ao Brasil a maconha se faz presente, é imprescindível ressaltar que é com os escravos negros trazidos do Continente Africano que o ato de consumir a maconha é introduzido no Brasil, pois a utilizavam como meio para fugir dos sofrimentos da viagem e da escravidão, como menciona Venâncio e Piori (2010, p.37) “a maconha, à época denominada fumo de Angola ou pango e trazida clandestinamente nos navios do tráfico, era utilizada para aliviar os sofrimentos do cativo”.

Assim teria se feito a catálise da difusão do psicoativo no Brasil, sendo disseminada entre as classes menos favorecidas. Pois como afirma Carlini (2005) negros escravos e nativos cultivavam a planta para o uso, o fato de abranger as classes menos favorecidas não despertava interesse por parte das autoridades em controlar o consumo da maconha, tendo em vista que as classes mais favorecidas não eram adeptas da utilização da Cannabis, com isso não se tinha a preocupação com o uso indiscriminados. Pelo contrário a coroa portuguesa no século XVIII incentivava o cultivo da planta no Brasil, chegando até enviar sacos de sementes de maconha para a colônia.

É necessário lembrar, ainda, que a Cannabis era um produto comercial interessante para a coroa Portuguesa, sobretudo com o cenário de crise que se fazia no século XVIII, foi no intuito de superar a crise que, segundo Maia (2022, p.22):

D. Maria I, promoveu uma nova geração de dirigentes que aprofundaram reformas no império visando modernizar a economia através da produção agrícola e o fortalecimento dos cultivos pre-existentes (MENZ,2005). O incentivo ao empreendimento de cultivos de maconha com a finalidades econômicas no território brasileiro se insere,

portanto, em contexto de promoção de novas variedade de cultivos, para além das culturas já consideradas tradicionais, com intuito de diversificar a economia do império e superar a crise.

Tal era o interesse, que os Jesuítas chegaram a cultivar extensões da planta na República Guarani, mas o incentivo também ocorreu para outras partes do território, como evidenciado por Maia (2022, p.22):

Antes de serem expulsos dos territórios do império Português, em 1759, missionários jesuítas cultivavam e beneficiavam o cânhamo com a finalidade de produzir tecidos na República Guarani, território de cerca de 500 mil quilômetros quadrados que ocupava os atuais Paraguai, Uruguai, Paraná e Rio Grande do Sul. Neste mesmo período, durante a segunda metade do século XVIII, coroa portuguesa também estimulou a produção da planta para fins industriais nos territórios de Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio grande, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Piauí, Maranhão e Pará

Assim é perceptível a importância que a planta ganha no século XVIII para a Coroa Portuguesa. Entretanto, no século XX a ausência de preocupação já mencionada com o uso indiscriminado seria rompido, este ponto nos interessa, pois é necessário realizar um esforço para entender tal questão, uma vez que a humanidade, historicamente, conviveu com a planta, portanto faz-se necessário buscar entender quais questões suscitariam o proibicionismo.

Para Maia (2022, p. 121): “as razões que motivaram a origem do proibicionismo iniciado no século XX foram distintas, envolvendo xenofobia, racismo e interesses econômicos”. Nos ateando a questão econômica, a qual discutiremos de forma resumida, a fim de dar um panorama do que no século XX ficou marcado como “explosão dos fármacos”, o que desencadeou uma cisão entre droga e fármaco, e em razão disso culminaria na distinção entre o que é lícito e ilícito. Segundo Maia (2022):

A noção de um “problema das drogas”, de certo conjunto de substâncias e de certas modalidades começou no mesmo período em que ocorreu a “invasão farmacêutica” e o aumento da importância das atividades biomédicas. O autor ainda observa que existe uma uniformidade nas políticas de diversos países em relação às drogas, que impõem controle internacional compulsório e cooperativo (SCHEERER,1993 apud VARGAS, 2008), que, em geral, são pautadas pela

distinção entre “drogas” e “fármacos” e que reprimem o uso das drogas psicoativas utilizadas para fins não médicos com exceção do álcool etílico e do tabaco. (MAIA,2022, p. 123)

Portanto, as políticas de repressão que surgiam tinham o objetivo de atender aos interesses de um novo mercado, mas para isso, segundo Maia (2022, p.124) um:

Duplo fundamento médico-jurídico foi responsável pelas políticas de repressão tornadas hegemônicas em torno das drogas consideradas ilícitas que foram implementadas ao longo do século XX. O que explica a razão de a resposta oficial ao “problema das drogas” ser tratado de duas formas principais: cadeia para os produtores e traficantes, e clínicas de tratamento para usuários. Por isso a necessidade de haver precaução em relação à distinção entre drogas e fármacos, pois ambos se tratam de drogas, apesar de oficialmente umas serem reprimidas, inclusive através de uma política de guerra às drogas. (MAIA, 2022, P.124)

Consequentemente, os estudos que foram desenvolvidos acerca do psicoativo apontavam a dependência em decorrência da sensação de prazer fornecida pela Cannabis, os quais descreviam os sintomas gerados pelo consumo da planta, ao mesmo tempo que forneciam informações para o seu uso terapêutico.

Entretanto, é necessário apontar que foi, segundo Carlini (2005) A II Conferência Internacional do Ópio o marco desse processo de repressão à Cannabis. Realizada no ano de 1924, em Genebra, a qual reunia distintos países, porém seria o delegado representante do Brasil, Dr. Pernambuco, apontado em diferentes estudos como um dos defensores do proibicionismo da maconha, indicando os seus efeitos nocivos ao usuário. Diante disso, a década seguinte, seria marcada pelos movimentos de repressão ao uso do alucinógeno no Brasil. Depois de uma série de apontamentos e desdobramentos a respeito da maconha, aconteceria, segundo Carlini (2005, 316) apud (Fonseca,1980) “A proibição total do plantio, Cultura, colheita e exploração por particulares da maconha, em todo o território nacional, em 25/11/1938 pelo Decreto-lei nº 891 do governo Federal”.

É necessário apontar, ainda, que para além do processo de proibição, que criminalizava a planta, existiu também o que os historiadores chamam de racialização da maconha, a qual atribuía a população negra, escravizada e Africana o uso e disseminação da Cannabis, porém como e por que atribuir a utilização da maconha a apenas um contingente específico de pessoas, diante disso é que Oliveira (2022, p.33): levanta o seguinte questionamento, “Como uma planta que foi apropriada de diversas formas por tantos grupos sociais e com longínqua constância de uso, se transfigurava em “fumo de Negro”, “ Marijuana”? Nomes que demarcam um projeto político comum: o de racialização da maconha”, Oliveira menciona que diversos autores publicaram obras que indicavam somente a população negra como os consumidores de maconha, assim atribuindo-lhes o legado do seu uso e disseminação, posto que segundo Oliveira (2022):

A planta apareceu em clássicas produções historiográficas e dos pensadores do período, como originada dos africanos, no período escravocrata. Podemos citar como inventores e defensores desse pensamento intelectuais com Rodrigues Dória; Mott; Von Martius (1869); Pernambuco Filho; Botelho; Francisco de Assis Iglésias, Pio Correia (1931); Gilberto Freyre. (OLIVEIRA, 2022, p.34)

De acordo Oliveira (2022), A difusão que se fez, atribuindo de forma estrita, o consumo de maconha ao povo negro não foi questionado e seguiu assim por um longo período de tempo, portanto o consenso era que os africanos trouxeram o consumo do fumo de angola para as terras brasileiras. Porém, é importante lembrar que a Cannabis há tempos era utilizada pelos povos da: África, Índia e China.

Todavia a atribuição do consumo a população negra fora sentida no pós proibicionismo, visto que o estigma atribuído a população negra ao se racializar a Cannabis, sobretudo, diante do surgimento do mecanismo comercial clandestino, que levantaria distintas questões sociais em volta desta, principalmente, pelo contexto de vulnerabilidade social daqueles que foram marginalizados. Pontuan-

do que, a libertação dos escravizados era relativamente recente e que não receberam qualquer subterfugio para viverem de forma digna em sociedade e mais uma vez reforçando que Cannabis adquiriu importância para essas populações, pois fazia parte de rituais para a cura e para o uso recreativo, como apontado no fragmento abaixo:

A maconha sempre esteve associada às práticas das camadas populares, sobretudo os negros. Era utilizada, por exemplo, nos ritos de candomblé. No século XIX, existiam casas no Rio de Janeiro que eram frequentados sobretudo por negros, onde as pessoas fumavam maconha, quando ainda não era proibida. (VIEIRA,1983, p.1)

Com isso o proibicionismo no Brasil foi seguido de resistência, pois a adesão que existiu no momento anterior pelos setores populares não seria renunciada de forma generalizante pelos seus usuários, entretanto com a libertação dos cativos e a explosão demográfica o costume de consumir maconha se inscreveria nos contextos das áreas periféricas das cidades. Com isso, tais íterins eram propícios à disseminação do alucinógeno, uma vez que o psicoativo fazia parte das diversas manifestações dos escravos, como também por outros indivíduos das classes baixas, não sendo extinguidos, o que suscitaria ações de repressões nesses espaços pelas ações policiais, também sendo repelida moralmente, e as manifestações que envolvem a planta seriam vistas como algo pejorativo.

É nesses cenários que o psicoativo que a princípio servira como subterfugio à escravidão passaria, paulatinamente, a ser manipulado pelo mercado paralelo, através de um mecanismo comercial clandestino. Assim seria despontado distintas formas de interação que orbitam em torno da maconha em decorrência do comércio clandestino, diante desse cenário é que serão marginalizados os indivíduos que habitam esses lugares, os quais teriam uma propensão maior em associar-se a essa forma de comércio, tendo em vista a escassez de oportunidades, como bem pontuou Mota ao fazer uma analogia com outros países:

No Brasil, os jovens vivem situações similar. assistidos por escolas de má qualidade, desprovidos de espaços de lazer e com escassas oportunidades no mercado de trabalho, não se constitui um contra-senso verificar o interesse de alguns deles pelas drogas e pelo tráfico. O fato é que os traficantes geralmente instalam seus pontos de venda em bairros pobres e isso acaba se tornando um fator de atração. Não tenho aqui a intenção de afirmar que os pobres são naturalmente inclinados às drogas e ao crime, o que não corresponde a realidade. Todavia, em função de sua existência precária e da proximidade dos pontos de venda de drogas, os jovens pobres se encontram muito mais vulneráveis a tais atividades (MOTA, 2005, p.7)

Assim se instalava uma nova forma de poder nesses locais, os jovens destes espaços estão muito mais propícios as influências desse mecanismo que se fez em torno do psicoativo e que coloca sobre uma ótica generalizante os indivíduos que residem nesses espaços, posto que tais locais são mais visibilizados pelo tráfico de drogas.

Como já mencionado, a relação entre homem e maconha é antiga, seus efeitos inebriantes e prazerosos já eram conhecidos há tempos como citado por Macrae e Alves (2016, p.70) “O uso do cânhamo é muito antigo. Heródoto fala da embriaguez dos citas que respiravam e bebiam a decocção dos grãos verdes do cânhamo.”

Entretanto, desde a chegada da maconha no Brasil, associada inserção da mão de obra escrava negra, a cannabis foi aderida pelos nativos, como descrito por Macrae e Alves (2016, p.29) “Os índios amansados aprenderam a usar da maconha, vício a que se entregam com paixão, como fazem a outros vícios, como o do álcool, tornando-se hábito inveterado”.

Decorridos anos desde sua chegada ao Brasil até o momento do proibicionismo no ano de 1938, a maconha não deixaria de ser consumida, sua utilização, mesmo sob repressão, foi disseminada chegando aos dias atuais, sendo a droga ilícita mais usada, segundo um levantamento do ano de 2010, como expresso no fragmento abaixo:

Outro levantamento do CEBRID de 2010, com 50.890 estudantes de ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas nas 27 capitais brasileiras, revelou que a maconha é quarta droga de uso, atrás do álcool, tabaco, solventes e inalantes em ordem crescente. Sendo a droga ilícita preferida, com prevalência de 5,7% de uso em vida, 3,7 uso no ano e 2% uso no mês. (SPACH, 2017. 2)

Tal pesquisa aponta, ainda, que é na adolescência que acontece o primeiro contato com a maconha, por volta dos 15 anos de idade, geralmente sobre a influência de alguém conhecido, nos mais diferentes ambientes, pois esta é parte integrante da sociedade. Um estudo realizado pela INPAD entre os anos de 2006 e 2012 aponta que no Brasil 7% da população adulta já experimentou maconha na vida, mas enquanto ao uso frequente corresponde a 3% da população adulta.

### **Experiência e vivência tradicional com o uso do dirijo em Boa Vista do Ramos**

A cannabis sativa que desde o seu transcurso até o Brasil ganhou distintas denominações, segundo Saad (2019, p.100) [...] “conhecido por fumo d’Angola, ‘maconha’, ‘diamba’, ‘liamba’ ou ‘riamba’”, mas Monteiro (1966, p.299) apud Torcato (2016, p.51) coloca que

Na distante região do Amazonas [...] o dirijo (como era conhecida a cannabis) era fumada pelos caboclos como remédio infalível para certas doenças, como as nevralgias dentarias, e como parte integrante dos ritos Xamânicos e de cura. Recentemente, também foram apresentadas algumas evidências bastante relevantes da presença da cannabis entre os indígenas ou pescadores Maranhenses. Todas essas evidências apontam que o consumo de cannabis se tornou arraigado entre as classes populares das regiões nordeste e norte do Brasil durante período – do início da colonização

Se no início a Cannabis se inscreve na história do Brasil com os escravos como uma forma de fugir aos sofrimentos do cativeiro, ao longo do tempo foi ganhando uma outra conotação, atuando como um mecanismo interventor nas relações, permeando diferentes contextos sociais das cidades brasileiras, mas sobretudo nas partes vulneráveis, entretanto detectar as particularidades requer uma leitura mais aproximada desses contextos, posto que se de um olhar panorâmico o retrato é homogêneo e superficial, carregado de preconceito, na aproxi-

mação reside as particularidades, como bem menciona Salo de Carvalho (2013) apud Neto ( 2014, p. 46):

[...]o fenômeno das drogas no mundo contemporâneo ultrapassa as fronteiras do que o autor chama lógica calculadora da racionalidade moderna, de acordo com o qual se estabelece um olhar homogêneo sobre o tema, reduzindo uma abordagem de causa-efeito e perdendo-se de vista considerações mais profundas e intrincadas relativas aos indivíduos que (ab) usam das drogas

No intento de fazer emergir tais particularidades é que exploraremos as experiências dos consumidores de maconha residentes na cidade de Boa Vista do Ramos, no Amazonas, localizada no Paraná do Ramos, com distância de 272 Km em linha reta e 396 Km por via fluvial da Capital Manaus. Com uma área territorial de 2.589, 407 km<sup>2</sup>, com cerca de 19.207 habitantes segundo a estimativa populacional, e PIB per capita cerca de 6.089, 15 reais (IBGE, 2019).

Buscando um sentido a priori da relação que o psicoativo construiu no passado com seus consumidores e, conseqüentemente, sua significação, é que lançamos mão da entrevista com duas moradoras antigas da cidade de Boa Vista do Ramos. Ao entrevistarmos uma senhora de 82 anos, agricultora, nascida no ano de 1940 em Boa Vista do Ramos, a qual nos utilizaremos o pseudônimo de Rita, que nos concedeu entrevista no dia 10 de agosto de 2022, ao ser questionada acerca do psicoativo, evidencia que a relação com a cannabis no passado dista dos tempos atuais, visto que naquela época, segundo Rita (Entrevista, 2022), o dirijo<sup>19</sup> era plantado próximo das casas, nos roçados, menciona o nome dos usuários, mas ressalta que o dirijo era consumida com a finalidade de ajudar a concentra-se nos seus ofícios, como descrito:

a gente via plantar, ia buscar estrumo, fazia aquelas leiras, plantava, um não mexia do outro, “tudo plantava”, a gente tinha aquilo como um remédio mesmo [...] todo mundo tinha sua roça e sua plantação, sempre plantavam, só fumava mesmo quem gosta pra pescar e pra ir pra roça. [...]era aí na frente mesmo” [...] ainda não era cidade, olha tinha a casa do seu Gachito aqui na ponta, de lá tinha a casa da velha

<sup>19</sup>Nome popular atribuído a cannabis em Boa Vista do Ramos no século XX

D.U no meio, aí tinha aquelas casas, tinha a casa do seu Roseno aí na frente (RITA, Agricultora, 83 anos de idade, Entrevista, Boa Vista do Ramos, 2022)

Rita descreve, a partir de suas lembranças, o momento em que Boa Vista do Ramos era um vilarejo, menciona que naquela época tinha a planta como um medicamento para diversas doenças, as pessoas plantavam com essa finalidade, mas não ocorriam casos de violência em decorrência de seu uso. O hábito de fumar o dirijo, segundo Rita (entrevista, 2022) restringiam-se as pessoas mais velhas e todos conheciam quem consumia, entretanto estava associado ao trabalho.

Ao buscarmos um segundo morador que contasse a partir de seu prisma a relação que os consumidores tinham com psicoativo encontramos a senhora Felicidade, que aceitou que seu nome fosse citado em nosso trabalho, Dona Felicidade tem 82 anos, tecelã, nascida no ano 1940, no lago do Yapuá, no Rio Purus, mas diz que desde criança conheceu a planta, posto que seu pai cultivava. Entretanto, a finalidade era de utilizá-la como medicamento para algumas patologias. Ao pormos seu relato em foco, partindo do ano de 1970, momento que chega em Boa Vista do Ramos, percebemos que o seu relato se confunde com o da primeira entrevistada, pois menciona ser um hábito dos mais velhos e os consumidores utilizavam para o trabalho.

Quando eu cheguei aqui nessa Boa Vista, era só uma vila, não tinha 50 casas[...] eu ouvia comentar que usavam para o trabalho, roça [...] as pessoas que usavam, o seu Domingo Gil, as velhadas que usavam, a rapaziada não usava, nem tabaco. de 80 pra cá, quando cresceu mais, que chega gente daqui, chega gente dali, aí vai aumentando já, vai mudando o nome (FELICIDADE, Tecelã, 82 anos de idade, Entrevista, Boa Vista do Ramos, 2022).

Comenta que ao chegar em Boa Vista do Ramos, era uma vila ainda, quando explora suas lembranças, ela cita que o psicoativo era conhecido como dirijo, entretanto, não era tão visível, o seu consumo, ainda, restringia-se aos mais velhos.

Assim fica evidente que a perspectiva tanto de quem consumia como as dos que estavam alheios ao costume era outra, a conotação atribuída não era negativa e nem de censura, mas visto como algo comum, como muitas vezes mencionado pela própria entrevistada. O uso terapêutico é destacado ao longo das entrevistadas, tanto pelas moradoras quanto pelos consumidores

Podemos inferir que ao longo do tempo e com o crescimento populacional que a cannabis vai se difundindo entre os jovens, com isso o sentido atribuído a ela vai mudando, principalmente em decorrência do uso abusivo, conseqüentemente, generalizando e estigmatizando os seus usuários, posto o germe da dependência, desencadeado por distintos fatores, bem como a própria vida em sociedade, tendo em vista a intensificação da vida nervosa.

E preciso ressaltar que o consumo do psicoativo não se restringe a uma camada específica da sociedade, permeia todas as partes, entretanto o uso arraigado reside nas partes mais vulneráveis das cidades, onde muitas vezes o consumo é abusivo gerando patologias sociais.

### **Experiência e vivência com o uso da maconha em Boa Vista do Ramos**

Distintos são os fatores que estimulam o indivíduo a consumir maconha pela primeira vez e muitos dos seus usuários fazem deste um hábito. E para fazer emergir as histórias desses sujeitos que integram o corpo social, mas que estão ocultos ou invisibilizados que nos dispomos a retratar as suas histórias, no intento de entender a dinâmica e a vida desses sujeitos no corpo social.

Euforia, sentir-se, mudança do humor, intensificação dos sentidos, percepção de sons e visões são a tradução comportamental da desorganização da química cerebral[...] essas sensações são consideradas boas por alguns, desagradáveis ou indiferentes por outros. O que dita está diferença? Forma de ser, fatores culturais, características de personalidade, circunstâncias específicas? A magia química não responde a estas questões. Estão fora do seu limite. Entra-se aí no universo não menos mágico da diversidade humana (MASUR, 1985, p. 13 apud NETO, 2014, p.46).

Ao nos lançarmos a campo nos defrontamos com a história de Paulo, pseudônimo escolhido pelo próprio entrevistado, tendo em vista o preconceito que este pensa em enfrentar diante da possibilidade da exposição de seu nome, Paulo tem 55 anos, formado em pedagogia, servidor público concursado, a entrevista ocorreu no dia 8 de agosto de 2022. Ele diz ser durante adolescência, mais precisamente aos 18 anos, ter consumido a maconha pela primeira vez, quando ainda era estudante do ensino médio no turno noturno, na cidade de Maués, menciona ser pela influência de seus colegas de aula, entretanto ressalta que existia um certo medo por sua parte em consumir a maconha, sendo que ao questionar os seus colegas acerca dos efeitos, eles relatavam sentir nas palavras de Paulo:

Eu perguntava pra um colega lá, o que faz isso aí? Ele dizia assim: não quando a gente fuma um baseado, que é o cigarro da maconha, a gente vê muita coisa assim... tipo um banheiro, a gente ouve ruídos. Aí eu ficava com medo, praticamente, que isso acontecesse comigo e eu não usava não, mas eles eram meus colegas de aula, meus amigos e eu os acompanhava lá, as vezes até colaborava, pra eles comprarem, financeiramente, e aí depois com aquilo eu comecei a usar também (PAULO, Servidor público, 55 anos, entrevista, Boa Vista do Ramos, 2022).

Paulo descreve sua trajetória utilizando a cannabis, afirma que ao ir para Manaus aos 22 anos, passou a consumir a maconha com certa frequência, mas diz que após um ano ter sentido um incomodo ou transtorno dos efeitos, pois sentia-se incomodado na presença de pessoas. Nas palavras de Paulo: “se alguém olhasse ou risse para mim na parada do ônibus, quando eu ia para o trabalho aquilo me agoniava, eu nem mais ia trabalhar, eu voltava para casa, me sentia mal”. Após esse episódio resolve parar, mas é ao vir para Boa Vista do Ramos já com seus 27 anos que retomava o hábito. Entretanto, ao constituir família o uso foi cessado, diz ser dos 30 anos aos 45, porém, no ano de 2010, sua separação o levou a consumir a Cannabis novamente.

Ao retomar o hábito de forma abusiva, como uma forma de esquecer o fim do relacionamento e lembrar o tempo de solteiro, consumia a maconha com frequência tornando a um vício, assim sentia um certo desânimo com outros aspectos da sua vida, caracterizando, segundo Neto (2014, p.67)

O nível dependente, de acordo com a professora, caracteriza-se por um estado em que o consumo tem posição de prioridade dentre todas as outras atividades do sujeito, fazendo com que o usuário perca o interesse pelas demais dimensões de sua vida e não tenha motivação psicológica para perseguir objetivos outros que não aqueles relacionados à administração ou obtenção das substâncias. Por isso, ocorrem processos de fragmentação social, isolamento, degradação ou perda dos laços afetivos, derrocada da vida financeira e profissional etc. (NETO, 2014,p.67)

Menciona que ao se viciar no psicoativo sofreu com as consequências, a família se afastou, diz ter vendido seus bens para poder consumir a maconha, assim como perdeu o interesse pelo trabalho. Relata ter ficado mais próximo dos meios de consumo, das pessoas que utilizavam o psicoativo. Ao questionamos Paulo há cerca da idade dos consumidores de maconha em Boa Vista do Ramos expõem que já viu crianças consumindo maconha, diz que repudia quem oferece um cigarro de maconha a uma criança, além disso descreve episódios, onde pais fumavam próximo de seus filhos:

Eu já vi pais assim, até eu reprimino, eu repriminava, quando eu tava nesse meio ia, quando eu ia para alguma casa, uma pessoa fumava, um usuário. Bora lá em casa, chegava lá o cara fumava na frente das crianças, dos filhos deles, no quarto, criança mesmo, eu já vi criança mesmo de um ano o cara fumando lá quarto, aquela criança tá recebendo toda aquela fumaça, mesmo que tá fumando, então sempre fala poxa vida por que que tu faz isso? ( PAULO, Servidor público, 55 anos, entrevista, Boa Vista do Ramos, 2022)

Fala que gostaria que essas pessoas que estão nessa situação fossem amparadas pelo poder público, pois não há algo voltado para essas pessoas, como também gostaria que o poder público tivesse uma preocupação ou uma prevenção por meio de mais incentivos ao esporte e outros programas para as crianças, como uma forma de as proteger.

Paulo ao realizar uma reflexão acerca das consequências em decorrência do uso da cannabis diz que o consumo quando exagerado traz muitos aspectos negativos, tendo em vista que a busca por satisfação, segundo Paulo, é o que leva o consumidor de maconha a consumir mais e mais, e para suprir essa necessidade quando já viciado, alguns usuários roubam para sustentar o vício, mas ressalta que existem muitos usuários da alta sociedade, entretanto que não chegam ao ponto de roubar, todavia a sociedade ao ver que a pessoa é usuário eles colocam todos em um mesmo nível, mas existe distinção como afirma Neto (2014, p.46)

É dizer, “usuário de drogas”, ao contrário do que reforça o senso comum, não é uma categoria uniforme de pessoas; há usuários de muitos e variados níveis, inseridos em contextos sociais, pessoais, econômicos etc. por vezes muito discrepantes; e, da mesma forma, há propósitos distintos que se colocam como móveis do uso.

A segunda entrevista ocorreu no dia 11 de agosto de 2022, o segundo entrevistado se chama Tobias, aceitou que o seu nome fosse mencionado na pesquisa, Tobias tem 40 anos de idade, pedreiro, casado e pai de família, ao ser questionado acerca de como começou a consumir maconha, recorda que foi durante a adolescência com 15 anos de idade, o cigarro de maconha foi oferecido pelo seu primo, o mesmo afirma que o psicoativo lhe despertava a vontade contar histórias, piadas, nunca sentiu alguma forma de transtorno a ponto de querer fazer mal a alguém. Utilizava geralmente voltado ao trabalho, relata que durante os 25 anos de consumo nunca chegou a cometer um delito, posto que nunca chegou a consumir de forma exagerada, Tobias enfatiza:

mas eu nunca roubei, briguei, a minha mulher sabia que eu fumava, eu tinha inspiração para trabalhar, ajudar em casa. Mas o mal que me causou foi no meu pulmão, me dava tosse. Mas se eu pudesse voltar ao tempo de criança eu não fumaria, porque eu acho que eu perdi um pouco da minha memória. (TOBIAS, Pedreiro, 40 anos, entrevista, Boa Vista do Ramos, 2022).

Tobias faz o uso moderado do psicoativo, durante os 25 anos de consumo, declara que os aspectos negativos causados pela cannabis está na perda de memória recente que este sofre e na tosse que o acomete e necessita de fazer uso de remédio caseiro. Menciona que muito dos seus amigos utilizavam o psicoativo.

Diante das entrevistas podemos perceber que o consumo abusivo é um dos fatores acarretam alguma forma de problema social para o usuário, Também é possível inferir que as particularidades dos consumidores existem, entretanto, sob um prisma generalizante e estigmatizador a imagem que temos do usuário de maconha é de alguém marginalizado, inferiorizando tais indivíduos, é necessário ressaltar que este psicoativo permeia todo o corpo social e lançar um olhar sobre essas subjetividades e explorar suas histórias é necessário, uma vez que estes estão imerso na sociedade.

### **A feição da cidade e suas transformações históricas e sociais a partir incidência de consumo de maconha**

Nos tópicos que precedem este, vimos que a Cannabis tem uma relação antiga com o ser humano e ao longo do tempo foi assumindo distintas finalidades na sociedade. Com isso ao lançarmos mão das distintas entrevistas com os moradores e consumidores de maconha, buscando traçar um esboço das transformações históricas e sociais da cidade de Boa Vista do Ramos a partir do olhar dos entrevistados, o que por sua vez nos permitiu compreender e desvelar essa parte oculta ou pouca acessada pelas pesquisas, porém que pensamos ser crucial, uma vez que esta integra e produz distintos fenômenos sociais, que historicamente, tendo em vista os relatos dos entrevistados, ganhou outros contornos. Entretanto, que se mostra a catálise para diferentes fenômenos na sociedade.

Ao entrarmos em contato com as entrevistadas elas nos ofertaram uma narrativa acerca da relação que o psicoativo tinha, ainda no momento em que

Boa Vista do Ramos era um vilarejo podemos constatar que a Cannabis Sativa a priori mantinha uma relação com os consumidores e demais moradores que identificamos ser natural, tendo em vista que outrora sua utilização não era abusiva, posto que o seu uso para distintos ofícios e sua utilização para fins medicinais era comum, constando nesse primeiro retrato, uma relação harmônica e racional.

Todavia, é perceptível que o crescimento populacional e o consumo abusivo do psicoativo fizeram germinar outros fenômenos e, conseqüentemente a transformações sociais, neste ponto é possível acessar os relatos dos entrevistados, colocando suas relações com a cannabis em evidência, percebendo que o fenômeno da disseminação do costume também é cultural, tendo em vista a influência de grupos, se num momento anterior seu consumo estava voltado para os grupos mais velhos, com o crescimento da cidade a idade dos consumidores decresce, posto que os relatos dos entrevistados remetem ser durante a adolescência o primeiro contato com o psicoativo, entretanto, que nos relevam a partir de suas histórias a interação, o funcionamento e os danos resultantes deste, o que reflete na dinâmica cidade

Os problemas gerados pelo consumo abusivo recaem tanto sobre o usuário quanto nas pessoas que o cercam, resultando muitas vezes na exclusão desses sujeitos, os apartando e os marginalizando-os, muitas vezes fazendo-os concentrar nos íterins que abrigam um profícuo contingente de usuários, que se localizam nas pontas da cidade, em bairros que se distanciam do centro, segundo Paulo, um dos entrevistados, existe uma concentração de usuários nessas partes em decorrência do própria localização dos mercados, posto a dinâmica ofertada por esses espaços: pouco policiamento, a procura pelo psicoativo por parte das pessoas que estão nessa localidade é maior, a vulnerabilidade também é um dos pontos de interesse, como também o aliciamento de menores para comercializa-

ção do psicoativo, que muitas vezes resulta em novo dependente, que não despendo de trabalho, passa a roubar para manter o vício e muitas vezes resulta em prisão ou a morte.

É notável como a imagem de uma cidade vai assumindo outras características com passar do tempo, suas transformações a partir do comércio da cannabis, como também do uso abusivo como um interventor nas relações é perceptível como parte integrante da sociedade como uma mão que age no corpo social e interferindo nas relações sociais.

Entretanto, é importante frisar que no passado o uso da cannabis estava também ligado aos aspectos terapêuticos conhecidos pelos setores populares, visto que as entrevistadas mencionam que a utilização do psicoativo para cura de moléstias era conhecido, assim seu cultivo também era realizado com essa finalidade, portanto o psicoativo se liga a historicamente a cidade não só sob um aspecto negativo. Assim a criminalizar a planta, seria fechar os olhos para suas potencialidades que atualmente fazem despontar uma série de estudos a sua volta, sobretudo para os fins medicinais, portanto ao desvelarmos essa parte das histórias dos usuários e das moradoras antigas tem sua importância, posto que elas revelam um olhar acerca da planta que não é só de criminalização, mas também se inscreveu na história da cidade como medicamento para diversas enfermidades.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, é possível inferir que ao longo do tempo o psicoativo maconha tem construído uma relação ligada as camadas populares da sociedade que manteve-se mesmo diante do proibicionismo, fazendo emergir distintos fenômenos sociais em torno do psicoativo ligado a um contexto de vulnerabilidade histórica que reside desde o momento da colonização da sociedade e atualmente se faz presente no corpo social.

Não obstante a esse fenômeno a cidade de Boa Vista do Ramos é acometida e a disseminação é perceptível, através das histórias dos entrevistados foi possível constatar que a relação que o psicoativo tinha com os consumidores no século passado dista dos tempos atuais, como também é possível inferir que é com o desenvolvimento e crescimento do município que, de certa forma, o psicoativo e a sua disseminação adquiriu outras conotações, visto que a proliferação entre os jovens é um dos aspectos dos tempos atuais, assim como o uso abusivo que influi diretamente na dinâmica da cidade, tendo em vista a dependência e por consequência problemas sociais resultante deste.

Entretanto é necessário ressaltar, como já foi observado, nas entrevistas das moradoras a relação terapêutica do psicoativo cannabis e suas propriedades curativas já eram conhecidas há muito tempo, uma herança cultural e artesanal acerca de seus benefícios no combate de moléstias como foi possível perceber nas falas das entrevistadas. É sabido que atualmente, a utilização terapêutica é reconhecida, tendo em vista a descoberta dos canabinóides que são utilizados para tratar diversas enfermidades. Assim é necessário que se enfatize que a planta que cresceu espontaneamente no Continente Asiático e se disseminou pelo mundo, muitas das vezes é ressaltado somente seu aspecto negativo, deixando de lado suas propriedades curativas. Nesse sentido a cannabis historicamente foi utilizada pelas populações humanas, primeiro através da medicina popular, atualmente, apropriada pela medicina científica.

Assim o resultante dessa longa relação homem e maconha que inscreve na nossa cidade sofreu e produziu transformações que ocorreram paulatinamente ao longo do tempo em decorrência da comercialização, uso abusivo e a difusão do costume, fazendo germinar problemas em distintos aspectos no bojo da cidade. Assim, antes de se criminalizar o uso da maconha é necessário pensar em po-

líticas públicas para compreender as relações de seu consumo com determinadas questões e problemas socioeconômicos.

**Fontes orais:**

FELICIDADE. Tecelã. Cidade de Boa Vista do Ramos/Am. Entrevista concedida em sua residência no dia A entrevista realizada no dia 13/08/ 2022

PAULO. Servidor público municipal, função Vigia. Cidade de Boa Vista do Ramos/Am. Entrevista concedida em sua residência no dia A entrevista realizada no dia 8/08/ 2022

RITA. Agricultora. Cidade de Boa Vista do Ramos/Am. Entrevista concedida em sua residência no dia A entrevista realizada no dia 10/08/ 2022

TOBIAS. Pedreiro. Cidade de Boa Vista do Ramos/Am. Entrevista concedida em sua residência no dia A entrevista realizada no dia 11/08/2022

**Referências**

BARRETO NETO, Heráclito Mota. REFLEXOS DA BIOÉTICA SOBRE O TRATAMENTO JURÍDICO DO USO DE DROGAS NO BRASIL: autonomia x paternalismo. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Direito, p.10-159, 2014.

BARROS, André; PERES, Marta. PROIBIÇÃO DA MACONHA NO BRASIL E SUAS RAÍZES HISTÓRICAS ESCRAVOCRATAS. Revista periférica.v.3,

n.2, julho/dezembro, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2011.3953>. Acesso em 23/04/2022.

CARLINI, Elisaldo Araújo. A HISTÓRIA DA MACONHA NO BRASIL. Centro Brasileiro de informações sobre droga psicotrópicas. Departamento de psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo. P.315-317, 2005.

MACRAE, Edward;ALVES,Wagner Coutinho(Org.) O FUMO DE ANGOLA: CANABIS, RACISMO, RESISTÊNCIA CULTURAL E ESPIRITUALIDADE.-;[apresentação, Luiz Mott].-Salvador: EDUFBA,2016.

MOTA, Leonardo de Araújo. DROGAS E ESTIGMAS. Trabalho apresentado na II semana de humanidade da Universidade Federal do Ceará, p. 2- 9, abril.2005.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. In: CONFERENCIA, XXV SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, FORTALEZA, 2009. Fortaleza: Departamento de Psicologia Social e Institucional, nº 2. 2010, p. 2-13.

PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. UMA BREVE HISTÓRIA DO BRASIL.2. ed. São Paulo: Editora Planeta no Brasil,2010.

SPACH, Ravi Cavalcanti. SENTIDOS DO USO DA MACONHA NA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS, 2017.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. A HISTÓRIA DAS DROGAS E SUA PROIBIÇÃO NO BRASIL: DA COLÔNIA À REPÚBLICA. 2016. Tese de

Doutorado em História Social- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VIEIRA, Lizst. MACONHA UM PROBLEMA POLÍTICO. Revista Periferia. V.3, n.2, julho/dezembro, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2011.3987>. Acesso em 23/04/2022.

MAIA, Gustavo Junqueira Costa, A MACONHA NO BRASIL ATRAVÉS DA IMPRENSA (1808-1932). Dissertação de Mestrado em História Social-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio De Janeiro, 2022.

OLIVEIRA, Aline Ribeiro. MARICAUÁ, LIAMBA e DIRIJO: PRÁTICAS CRIMINALIZADORAS EM TORNO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS DO PENSAMENTO SOCIAL DO AMAZONAS. Dissertação de Mestrado em Sociedade e cultura na Amazônia -Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

OLIVEIRA, Aline Ribeiro. MARICAUÁ, LIAMBA e DIRIJO: A MACONHA NO AMAZONAS (1950-1960), 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, PP-GAS-UFAM, 28/08/2022 a 03/09/2022, p 1-20.